

FH pede mais eficiência na saúde

■ Presidente diz que é preciso saber como recursos são utilizados e que não adianta gastar sem obter bons resultados para o setor

Uberlândia, MG - Ormuzd Alves/Folha Imagem

ROSELENA NICOLAU E
LAURO RUTKOWSKI

UBERLÂNDIA, MG E BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso reagiu, ontem à tarde, à pressão de líderes governistas e parlamentares que reclamam da retenção de verba orçamentária destinada à saúde, com o argumento de que não basta ter mais recursos para o setor, mas saber como os recursos atuais estão sendo utilizados. Aproveitando o lançamento da cartilha *O Consórcio de Saúde e a Gestão Municipal de Saúde*, em Uberlândia, passou o recado aos parlamentares: "Não adianta gastar muito dinheiro e não obter resultados. É melhor gastar menos dinheiro e obter resultados maiores."

Enquanto Fernando Henrique discursava em Uberlândia, o ministro do Planejamento, Antônio Kandir, autorizava, em Brasília, a liberação de R\$ 350 milhões de um total de R\$ 1,3 bilhão que estava retido. O Ministério da Saúde vai receber a verba na semana que vem para pagar parte de uma dívida remanescente de 1996 referente a serviços médicos prestados por terceiros ao Sistema Único de Saúde. O Ministério da Saúde deve R\$ 420 milhões a esses prestadores de serviços.

O presidente reconheceu na cidade mineira que a saúde no país "é muito ruim", mas disse que é preciso "perguntar pelos resultados, ver como os programas estão sendo geridos e introduzir na prática a idéia de avaliação".

Mobilização - A liberação dos R\$ 350 milhões ocorreu um dia depois da mobilização da bancada da saúde da Câmara, que organiza um abaixo-assinado com críticas à falta de vontade política da equipe econômica em descontingenciar a verba. O coordenador da Frente Parlamentar da Saúde, Darcísio Perondi (PMDB-RS), elogiou a liberação, mas continua exigindo mais verbas. "O descontingenciamento é um avanço, mas é insuficiente para as necessidades do ministério", disse Perondi.

O deputado afirmou concordar só em parte com as considerações do presidente Fernando Henrique Cardoso de que não faltam recursos, mas sim gerenciamento eficiente no setor de saúde. "O setor sofre de anemia crônica de recursos", diagnosticou Perondi. "Pode faltar até competência em alguns momentos, mas faltam em primeiro lugar recursos, porque as demandas do setor são extraordinárias", argumentou o deputado.

Outra das reclamações da bancada da saúde é a de que o governo está utilizando a verba da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) como substituta de fonte de recursos destinada à área de saúde. Os parlamentares ameaçam, inclusive, votar contra o imposto em janeiro, caso a situação não seja revertida no orçamento do próximo ano (que sofreu uma redução). A decisão também está condicionada à liberação dos R\$ 1,3 bilhão - agora R\$ 950 mil - retidos do orçamento atual. Fernando Henrique disse que ainda não recebeu o manifesto *Alerta à nação*, de líderes governistas, mas que vai lê-lo "com a maior atenção".

Real - Afirmando que em seu governo houve um aumento per capita nos gastos com saúde, no plano federal (em quatro anos, teria passado de R\$ 60 para R\$ 112, sendo que globalmente, incluindo municípios e estados, o total seria de R\$ 282), o presidente ressaltou: "Acho que com o aumento de gasto que houve, não houve uma melhoria correspondente."

Segundo ele, o setor público não está prestando melhor serviço à população com a verba disponível. "Tenho certeza que os mesmos recursos poderiam obter resultados mais significativos", disse, reclamando também do tratamento dis-

pensado pela saúde aos cidadãos.

"Não adianta mais dizer quantos milhões vão (para o setor de saúde). Eu quero saber quantos milhões são atendidos e de que maneira são atendidos", argumentou, afirmando que um bom atendimento não pode ser motivado apenas por bons salários, mas também por valores subjetivos, como carinho. Disse até que é preciso existir "um certo sentido de missão". O presidente alegou que "será mais fácil obter recursos, obter mais salários", se a população perceber que está recebendo tratamento de cidadão.

O presidente destacou ainda que os números que refletem progressos na saúde, como a queda da mortalidade infantil, são resultado de uma série de programas do governo - especialmente o Real -, e não especificamente do setor. Fernando Henrique alega que a burocracia que envolve o Ministério da Saúde é também responsável por perdas de recursos.

Burocracia - Ao atacar a burocracia, o presidente Fernando Henrique reconheceu que existe corrupção no setor, mas condenou especialmente o número de funcionários do Ministério da Saúde. "Nós mantivemos no Ministério da Saúde centenas de milhares de funcionários que não têm nada o que fazer, por causa da mudança na concepção da assistência. E isso é gasto, gasto inútil para o povo. É salário, bom para quem recebe - é baixo, mas recebe -, mas não tem efeito direto na saúde", argumentou. O presidente garantiu que mais "órgãos inúteis" serão fechados.

Defendendo sempre o barateamento do atendimento de saúde, o presidente indicou como solução a descentralização dos recursos, a revitalização dos postos de saúde e iniciativas como os consórcios de saúde. Fernando Henrique fez também menção ao setor privado hospitalar que, segundo ele, ficou muito dependente do setor público. "Mas chegou a hora de revermos isso", assinalou.

O discurso do presidente foi feito num salão para cerca de 60 pessoas (grande parte pertencente ao staff da presidência e do governo mineiro), entre eles prefeitos do Triângulo Mineiro, deputados federais mineiros e os ministros da Saúde, do Trabalho, da Agricultura e das Minas e Energia. Na companhia do governador Eduardo Azeredo, Fernando Henrique estava participando da terceira solenidade do dia. Ele foi a Uberlândia especialmente para inaugurar a hidrelétrica de Miranda (no município próximo de Indianópolis), construída com recursos da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig).

Protesto - Um pequeno grupo de manifestantes do Movimento dos Sem-Terra e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) preparou um protesto contra o presidente, mas Fernando Henrique sequer viu os manifestantes, que levaram bananas e dois bodes para o aeroporto. O grupo queimou uma bandeira dos Estados Unidos e exibiu cartazes com a frase "exterminador de empregos".

Os deputados da bancada da saúde estão coletando assinaturas de colegas para um abaixo-assinado contra os cortes no orçamento do Ministério da Saúde em 1997 e em 1998 feitos pela equipe econômica. O documento acusa a área econômica de não ter "vontade política" para resolver o problema da escassez de recursos para a saúde. Os parlamentares querem que o Ministério do Planejamento libere imediatamente a verba do orçamento de 1997 que foi contingenciada e exigem que pelo menos R\$ 20,4 bilhões sejam destinados à saúde em 1998. A proposta de orçamento em tramitação no Congresso prevê um orçamento de R\$ 19,1 bilhões para a saúde em 1998.



Fernando Henrique mostrou simpatia com as crianças e fez, mais tarde, um duro discurso, dirigido à bancada da saúde no Congresso Nacional